

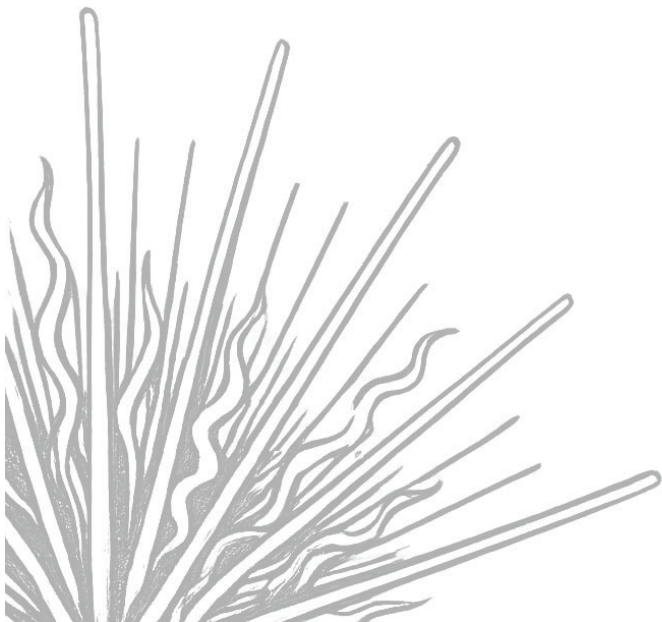
Ane Mecnas
Eliane Cristina Deckmann Fleck
(organizadoras)

Jesuítas nos sertões coloniais



Criação Editora





Jesuítas nos sertões coloniais



THEYA



Criação Editora

Aracaju | 2026



Copyright 2026 by
Ane Mecenas e Eliane Cristina Deckmann Fleck

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico
da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

J58

Jesuítas nos sertões coloniais / Organizadores: Ane Luise Silva Mecenas Santos, Eliane Cristina Deckmann Fleck.– Aracaju, SE: Criação Editora; Portugal: Theya, 2026.

546 p. Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8413-787-9

Coleção E-Pombal

1. Jesuítas. 2. Colônia – América latina. 3. Indígenas.
4. Sertão. I. Mecenas, Ane (org.). II. Fleck, Eliane Cristina Deckmann (org.)

CDU: 271.53(8)(091)

SUMÁRIO

Apresentação	5
Jesuítas e sertões ou as muitas formas de ser bárbaro e de se relacionar com o outro em um território em disputa nomeado de sertão <i>Fernando Torres Londoño</i>	9
“Muito desejosos andamos todos de ir pelo Sertão” – a representação do espaço colonial nos primeiros Escritos Jesuíticos (1549-1559) <i>Fabrizio Lyrío Santos</i>	17
Nos “Sertões” da Índia: os Jesuítas e a Administração de terras no interior da província do Norte (1557-1666) <i>Patricia Souza de Faria</i>	57
El uso y búsqueda de sucedáneos en la exploración de las Indias para la práctica médica Europea en el siglo XVI <i>Manuel Méndez Alonzo</i>	93
Jesuítas no espaço: uma análise inicial da estruturação espacial da Província Jesuítica do Brasil a partir de seus catálogos (décadas de 1580 a 1620) <i>Camila Corrêa e Silva de Freitas</i>	121
Intercambio y Consumo de un producto Global en el “interior” del Nordeste Rioplatense. El Vino Europeo a través de los agentes religiosos en Paraguay durante los siglos XVII y XVIII <i>Pedro Omar Svriz Wucherer</i>	147
A Companhia de Jesus e os Sertões no Rio de Janeiro, século XVIII <i>Marcia Amantino</i>	169
Secularização nos sertões da Amazônia: a missão de trocano tornando-se a Vila de Borba, a nova (1756) <i>Karl Heinz Arenz</i> <i>Marcela Gomes Fonseca</i>	205

<i>“De semejantes plantas, y yerbas utilísimas llenó el criador, todo el país”: percepções, virtudes e usos da natureza Americana em el Paraguay Cathólico, de José Sánchez Labrador SJ. (1770)</i> <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i>	239
Acomodação e reconfiguração do <i>Ethos</i> Guerreiro Guarani Ancestral nos povoados Jesuíticos <i>Antonio Dari Ramos</i>	283
Jesuítas, Guaranis, demarcadores e a representação dos Grupos Indígenas do Pampa no Século XVIII <i>Artur H. F. Barcelos</i>	321
<i>Escrituras intersectadas. Jesuitas y escritura en los márgenes de los Proyectos Coloniales Hispanoamericanos.</i> <i>Carlos D. Paz</i>	355
Movilidad misionera. Algunos derroteros misioneros. Jesuitas en reales de Minas, haciendas e ingenios de la Nueva España <i>Julieta Pineda Alillo</i>	387
Entre indígenas, <i>vivendo tierra adentro</i> <i>Maria Cristina Bohn Martins</i>	411
Pelos sertões de dentro: a Companhia de Jesus e as práticas de conversão em Kipéa <i>Ane Mecnas</i>	449
Um Jesuíta em Apuros: as reações dos Guaranis à presença de Lope Luis Altamirano <i>Eduardo Neumann</i>	481
O cuidado com os corpos <i>principalmente em terras destituídas de médicos e boticas</i>: um manuscrito médico-farmacêutico Jesuíta escrito na Goa do século XVIII <i>Ana Carolina de Carvalho Viotti</i> <i>Vitória Marchetto</i>	505
Dados biográficos	533



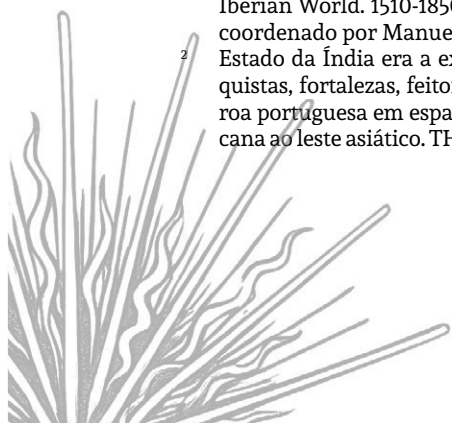
NOS “SERTÕES” DA ÍNDIA: OS JESUÍTAS E A ADMINISTRAÇÃO DE TERRAS NO INTERIOR DA PROVÍNCIA DO NORTE (1557-1666)

Patricia Souza de Faria¹

O objetivo deste capítulo é analisar as práticas adotadas pelos jesuítas na administração de terras e de populações locais na Província do Norte do Estado da Índia.² Este estudo pretende tratar da atuação dos jesuítas além de Baçaim, “capital” da Província do Norte, pois o foco consiste em regiões mais afastadas dos espaços costeiros da presença portuguesa, como Taná e sobretudo a aldeia da Santíssima Trindade.

¹ Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em História (UFF). Pós-doutorado na Universidade de Évora e na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (APQ1 - SEI-260003/005927/2024) e do “IberLAND. Beyond Property: Law and Land in the Iberian World. 1510-1850” (European Research Council - Grant ID: 101000991), coordenado por Manuel Bastias Saavedra (Leibniz Universität Hannover).

² Estado da Índia era a expressão utilizada para denominar o conjunto de conquistas, fortalezas, feitorias, bens e pessoas administrados e tutelados pela Coroa portuguesa em esparsos territórios que se estendiam da costa oriental africana ao leste asiático. THOMAZ, Luiz Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 2004.



Taná ficava a “quatro léguas de Baçaim”,³ descrita por vezes como terra “muito remota”.⁴ Ao passo que a aldeia da Trindade ficava a uma légua de distância de Taná.⁵

Pretende-se demonstrar como a presença dos jesuítas nos “sertões” da Índia — regiões afastadas das fortalezas costeiras — revela formas específicas de articulação entre evangelização e povoamento. Almeja-se analisar a administração de terras pelos jesuítas nos arredores de Baçaim como um campo privilegiado para compreender como as suas práticas de ocupação e cultivo da terra apoiaram o proselitismo e financiaram suas missões na Ásia. A administração das terras na Província do Norte forneceu rendimentos essenciais para as províncias e vice-províncias da Companhia de Jesus na Ásia, aspecto abordada por autores que trataram da dimensão econômica da ação da Companhia de Jesus, como Dauril Alden⁶ e Charles Borges,⁷ ou que inseriram essa dimensão em estudos mais amplos sobre as missões na Ásia como Maria Manso.⁸

O foco deste capítulo é analisar como os jesuítas utilizaram a terra no âmbito dos esforços de disciplinamento social⁹ e de for-

³ REGO, António da Silva. *Documentação para a História das missões do Padroado Português do Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente; CNCDP, 1995, p. v. 6, 417. Dora-vante: DHMPPO.

⁴ DHMPPO, v. 6, 408. Optou-se pela modernização da escrita dos documentos.

⁵ Légua era uma medida que variava. No contexto ibérico, uma légua correspondia a 3.428 passos geométricos. BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712, v. 5, p. 66.

⁶ ALDEN, Dauril. *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire and Beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 391-392.

⁷ BORGES, Charles J. *The Economics of the Goa Jesuits, 1542-1759: An Explanation of Their Rise and Fall*. New Delhi: Concept Publishing Company, 1994.

⁸ MANSO, Maria de Jesus Beites. *Facilitating an Empire: The Jesuits in Portuguese Territories and Beyond (1540-1975)*. Singapore: Palgrave Macmillan, 2025, p. 237-238.

⁹ Sobre o conceito de disciplinamento social, ver: PALOMO, Federico, «Disciplina christiana» Apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamiento social como categorías de la historia religiosa de la alta edad moderna. *Cuadernos de Historia Moderna*. Madrid, v. 18, n. 119, p. 119-136, 1997; HSIA, Ronnie Po-Chia. *Disciplina social y catolicismo en la Europa de los siglos XVI y*

mação de comunidades cristãs nativas. Almeja-se atentar para o papel das populações nativas, inseridas nessas comunidades cristãs como atores sociais essenciais na manutenção dos povoados administrados pelos jesuítas, com ênfase especialmente nos "curumbins"¹⁰ e "bandarins"¹¹.

O capítulo divide-se em quatro partes. A primeira apresenta um panorama da presença jesuítica na Província do Norte. A segunda aborda os recursos financeiros e humanos mobilizados para apoio das ações dos jesuítas na região. A terceira trata da criação do povoado da Santíssima Trindade, iniciativa pioneira de aldeamento cristão promovida pelos inacianos a partir de 1557.¹² Na quarta parte examinam-se críticas e resistências a práticas jesuíticas ligadas à administração das terras e das populações locais, envolvendo autoridades régias, rendeiros e trabalhadores agrícolas. As principais fontes analisadas consistem em epístolas, cartas anuais, crônicas e textos voltados para padres confessores, que foram produzidos pelos jesuítas na Índia, além de listas de propriedades e receitas da Província de Goa da Companhia de Jesus.¹³

XVII. *Manuscripts*. *Revista d'Historia Moderna*. Barcelona, v. 23, p. 29–43, 2007.

¹⁰ Trabalhadores agrícolas; do concani *kunbi*. DALGADO, Sebastião. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1919, p. 338.

¹¹ Lavradores que extraem a sura (óleo de palma) das palmeiras e fabricam a uraca (bebida destilada). *Ibid.*, p. v. 1, 165.

¹² Francisco de Sousa afirma que o povoado foi fundado em 1558. Em dezembro de 1558, o padre mestre Gonçalo mencionou que havia pouco tempo que haviam iniciado o povoado da Trindade (DHMPPO, v. 6, p. 416). No entanto, em carta redigida em 21 de novembro de 1557, o padre Gonçalo Rodrigues relata que já havia comprado terras para fundar o povoado e que em 1557 já viviam 50 almas naquela localidade. SOUSA, Francisco de. *Oriente conquistado a Jesu Christo pelos padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1710, C. I, D. II, 32, p. 137; WICKI, Joseph. *Documenta Indica*. Roma: Monumenta Historica Societatis Jesu, 1948, v. 3, p. 692. Doravante: DI.

¹³ Inicialmente, a Província de Goa da Companhia de Jesus englobava todas as casas, residências, colégios e missões dos jesuítas na Ásia, mas posteriormente ela foi subdividida em: Províncias de Goa, do Malabar, do Japão e da China (vice-província). As instituições jesuítas situadas na Província do Norte do Estado da Índia faziam parte da Província de Goa da Companhia de Jesus.

OS JESUÍTAS NA PROVÍNCIA DO NORTE

Em linhas gerais, a Província do Norte abrangia os territórios que foram ocupados pelos portugueses na porção ocidental da Índia, como Baçaim, Damão, Diu e Chaul. Estendia-se de Bulsar (Valsad), ao norte, até Karanja, ao sul (próximo à atual Mumbai). A região havia pertencido anteriormente aos sultanatos de Guzerate e Ahmednagar.¹⁴

A incorporação dos territórios da chamada Província do Norte ao Estado da Índia ocorreu quando os portugueses buscavam se expandir no Guzerate (noroeste do subcontinente indiano), ao mesmo tempo em que o Império Mogol também tentava consolidar sua presença na região. Devido aos constantes ataques, o sultão do Guzerate, Bahadur Shah, foi forçado a negociar um tratado de paz em 1534, pelo qual cedeu as terras de Baçaim e seus territórios e águas adjacentes aos portugueses.

Baçaim tornou-se, então, a capital da Província do Norte portuguesa. Essas terras conferiram ao Estado da Índia uma dimensão territorial significativa, pois até então se limitava a fortalezas costeiras e feitorias, com exceção de Goa, que possuía uma área bem menor. Diferentemente de outros territórios portugueses na Ásia, cujas principais receitas provinham do comércio, Baçaim gerava rendimentos principalmente a partir de suas terras, segundo André Teixeira e Silvana Pires.¹⁵

A implantação de uma rede de missionários na região acompanhou o estabelecimento dos portugueses na Província do Norte, temática investigada por Maria de Lourdes Sales e André Teixei-

¹⁴ ROSSA, Walter. Província do Norte. Norte da Índia. In: MATTOSO, José (Org.). *Património de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, v. 3, p. 65.

¹⁵ TEIXEIRA, André Pinto de Sousa Dias; PIRES, Silvana. O Tombo de Baçaim de 1727-1730. *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa, v. 8, p. 325-363, 2007.

ra.¹⁶ Segundo André Teixeira, em torno da década de 1550, já existia uma estrutura religiosa que se delineava em Baçaim, sendo os franciscanos os primeiros clérigos regulares a se fixar na região. Acerca dos jesuítas, o autor afirma que o ingresso deles também não tardou, com a presença local do padre Belchior Gonçalves em 1548, em busca de criar condições para a implantação dos jesuítas em Baçaim. No ano seguinte, o governador Jorge Cabral dividiu a atuação e o apoio financeiro entre jesuítas e franciscanos em Baçaim.¹⁷

Os estabelecimentos religiosos tenderam a acompanhar o litoral e áreas insulares que eram cobertos por estruturas de defesa portuguesas.¹⁸ Todavia, além da cidade de Baçaim, os jesuítas promoveram ações de evangelização na povoação de Taná (Imagem 1), na Ilha de Salsete (da Província do Norte). Conforme Teixeira, Taná era uma povoação relevante, a segunda de maior importância na geografia abordada, onde, ao contrário de Baçaim, os jesuítas não dividiam a evangelização com os franciscanos.¹⁹ O padre Manuel Teixeira descreveu, em carta aos jesuítas de Portugal, a distância e o caminho para se chegar de Baçaim a Taná:

Daqui a 3 ou 4 léguas, por um rio dentro, em uma ilha grande, temos em um lugar dela, que se chama Taná, uma igreja; é uma povoação grande de cristãos que os da Companhia fi-

¹⁶ SALES, Maria de Lurdes Ponce Edra de Aboim. *A vida cristã em Baçaim no século XVI*. 2003. Dissertação (Mestrado em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003; TEIXEIRA, André Pinto de Sousa Dias. *Baçaim e o seu território: política e economia: 1534-1665*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

¹⁷ TEIXEIRA, 2010, p. 80–84. Em Baçaim, nesse período, havia o colégio franciscano de Santo Antônio e seria edificado um colégio da Companhia de Jesus.

¹⁸ *Ibid.*, p. 183.

¹⁹ *Ibid.*, p. 93.

Patricia Souza de Faria

zeram, ensinam. E daí uma légua, pelo sertão da ilha dentro, está outra igreja em uma povoação de cristãos, que também os nossos fizeram, a que se chama Santíssima Trindade²⁰

Imagem 1: Taná



FONTE: Pedro Barreto de Resende (Biblioteca Pública de Évora, COD CXV/2 – 1, Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental de António Bocarro [1635]).

De Baçaim para Taná, “se vai por mar em tempo de suma maré”.²¹ De Taná, “pelo sertão da ilha adentro”, os jesuítas seguiram e iniciaram a fundação do povoado da Santíssima Trindade em 1557.

²⁰ DHMPPQ, v. 8, p. 398-399.

²¹ DHMPPQ, v. 9, p. 509.

OS RECURSOS FINANCEIROS E HUMANOS DOS JESUÍTAS NA PROVÍNCIA DO NORTE

Em 1555, o padre jesuíta Jerônimo de Cuenca afirmou que havia partido de Goa para Baçaim – enviado pelo padre Baltasar Dias – onde passou a residir:

tenemos allí una casa que tiene de renta mil y quinientos cruzados, y son para los niños de los convertidos y para los padres que se hacen cristianos enseñarlos y dallos de comer. Y en esta casa no ha de estar más que un Padre para predicar y confesar y mirar por las necesidades del pueblo, y un Hermano que tenga cargo de la casa como ministro, y otro que tenga cargo de los niños.²²

Constata-se um pequeno número de missionários da Companhia de Jesus em Baçaim nesse período inicial. De maneira geral, padres e irmãos residiam em Baçaim e Taná, mas em alguns contextos apenas irmãos se estabeleciam na Trindade. Em Baçaim, o número de jesuítas variou entre dois padres e dois irmãos (em 1557) a quatro padres e sete irmãos (em 1564). Em Taná, a quantidade foi de um padre e dois irmãos em 1557, ao passo que em 1560 foi de dois padres e três irmãos. Em 1560, no povoado da Trindade, era o irmão Manuel Gomes quem visitava os enfermos uma vez por semana, ao passo que o padre João Bravo também ia para celebrar a missa com a mesma frequência.²³ Em 1564, menciona-se um padre e um irmão atuando na Trindade.²⁴ A mesma quantidade se manteve no ano seguinte, conquanto o padre Martim Egusquiza estivesse doente, “pois sítio ser algum tanto doentio, principalmente

²² DI, v. 3, 715. Carta escrita em Baçaim, em 12 de novembro de 1555.

²³ DHMPPO, vol. 8, p. 47.

²⁴ DHMPPO, vol. 9, p. 379.

em certos meses do ano”.²⁵ Na medida em que o povoado da Trindade ficava em um local considerado insalubre, nenhum padre residiu na povoação em 1566, estando lá apenas um irmão da Companhia de Jesus.²⁶

O catálogo da Província de Goa de 1575 refere-se à presença de jesuítas no Colégio de Baçaim e residências de Taná, de Bandorá e de Damão. No catálogo do ano seguinte são citadas as mesmas instituições, além das residências de São Tomé e da Trindade, sendo que neste povoado estavam o padre Gaspar do Louro e o irmão Manuel Gomes – este último sabia a língua da terra.²⁷ Em linhas gerais, no último quartel do século XVI, os jesuítas possuíam na Província do Norte: o Colégio de Baçaim, residências em Taná, Bandorá e Damão, além de casas menores na pacaria Sandor (São Tomé) e na aldeia da Santíssima Trindade.²⁸ O catálogo de 1614 menciona a presença de jesuítas nos Colégio de Baçaim, Damão, Diu, Chaul, de Taná (e nas suas residências).²⁹

Trindade era uma das residências associadas à casa de Taná, com três padres e três irmãos em 1603.³⁰ Anos depois, em 1617, dez padres e seis irmãos residiam no Colégio de Taná, com cinco padres e três irmãos nas freguesias de Curlem, Condotim e Trindade.³¹

No âmbito do Padroado régio, os jesuítas receberam recursos financeiros para promover a conversão da população local e assistir os cristãos que viviam nas fortalezas e demais assentamen-

²⁵ DHMPPO, vol. 9, 503

²⁶ DHMPPO, v. 10, p. 113-115. “Estão ao presente neste colégio [de Baçaim] quatro sacerdotes e cinco irmãos, e em Taná dois sacerdotes e dois irmãos; na Trindade, está ao presente, um irmão, porque pelo sítio da terra ser doentio, não sofre estar lá padre de assento.”

²⁷ ARSI, Goa 24, fl. 99v-100, 117v.

²⁸ TEIXEIRA, 2010, p. 172. Pacarias são terras que circundam uma povoação, como um subúrbio.

²⁹ ARSI, Goa 25, fl. 05-08.

³⁰ Archivum Romanum Societatis Iesu, Goa 33, fl. 118-118v. Doravante: ARSI.

³¹ ARSI, Goa 33, fl. 557.

tos portugueses. Assim, os jesuítas receberam mercês régias, que incluíam terras e receitas fundiárias. Também obtiveram doações de benfeitores. Outras importantes fontes de recursos eram provenientes dos foros das aldeias da Província do Norte.³²

O rei de Portugal fez doação ao Colégio de Baçaim para uso na conversão dos infiéis e nas obras pias,³³ além de confirmar doações importantes ao colégio, como a da viúva dona Isabel de Aguiar.³⁴ D. Sebastião também concedeu licença para que os inacianos adquirissem aldeias em Bandorá. Em Taná, a casa local esteve sob a administração do Colégio de Baçaim³⁵ até conquistar a sua autonomia.³⁶ Em Damão, os jesuítas receberam um pomar e algumas casas do vice-rei Dom Constantino de Bragança em 1558, além de doações de benfeitores particulares.³⁷ O Colégio de Diu também recebeu mercês régias em forma de receitas anuais, que também foram utilizadas no apoio à missão na Etiópia.³⁸ Terras da Província do Norte também forneceram recursos para instituições e missões situadas fora desse território, como foi o caso do Colégio de São Paulo de Goa – com receitas provenientes da aldeias de Bandorá, Curlem, Sargu Mori – e missões no Japão (com recursos provenien-

³² ALDEN, Dauril. Some Considerations Concerning Jesuit Enterprise in Asia. In: GONÇALVES, Nuno da Silva (Org.). *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*. Lisboa: Brotéria – *Revista de Cultura e Fundação Oriente*, 2000, p. 53–62.

³³ DHMPPQ, v. 7, doc. 19, p.60-63. 20/2/1551.

³⁴ BORGES, Charles J., Jesuit economic interests in the Portuguese Province of the North till the mid-18th century. *Mare Liberum, Revista de História dos Mares*. Lisboa, v. 9, p. 49–56, 1995.

³⁵ DHMPPQ, v. 9, p. 132. “temos também outra casa em Taná que é um lugar sufragâneo aqui em Baçaim” (ano 1562). Sobre as receitas de Taná, ver: Notícia 6ª das Casa e Colégios que tem os Padres da Companhia de Jesus na Província de Goa (1724). In: WICKI, Joseph. Der Bericht des Jesuitenprovinzials von Goa an die Konigliche Akademie der Portugiesischen Geschichte, Januar 1724. *Archivum Historicum Societatis Jesu*, Roma, v. 39, p. 162-166, 1970; MANSO, 2025, p. 238.

³⁶ BORGES, 1995.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*

tes da aldeia Candoti), no Malabar (com receitas da aldeia Quirol)³⁹ e no império Mogol (oriundas das terras em Mahim e Parel).⁴⁰

Em 1621, o ouvidor Brízio Correia Botelho elaborou uma lista de terras e receitas que os jesuítas possuíam em Baçaim. Apesar de ter sido considerada insatisfatória, ela fornece um panorama, ainda que incompleto, de terras e receitas administradas pelos jesuítas na região (Quadro 1).⁴¹ Em relação a algumas dessas terras, há tanto o valor que os padres deveriam pagar de foro anual quanto as mercês recebidas. Com base nessa lista, reitera-se o papel das terras da Província do Norte no apoio financeiro à atuação da Companhia de Jesus em diferentes regiões da Ásia.

Quadro 1: “Lista das aldeias que possuem os padres que estão neles intituladas destas terras de Baçaim (1621)”⁴²

terras	foro anual	mercês
pacaria Pury do cassabé de Baçaim	78 parhaus	o valor do foro foi concedido como esmola régia
cassabé de Mahim	1505 parhaus	
Aldeia Banganaser	140 parhaus	
Aldeia de Jantarem	45 parhaus	descontam 2.000 xerafins de sangates (presentes dos reis locais)
Aldeia Quirol	145 parhaus	
Aldeia Mulgão	150 parhaus	
Aldeia Sarnapalle e Talauly	282 parhaus	

³⁹ TEIXEIRA, 2010, p. 322–327.

⁴⁰ BORGES, 1995.

⁴¹ Arquivo Histórico Ultramarino, CU, 058, cx. 10, doc. 120 e 125. Doravante: AHU.

⁴² O pardau valia quatro leais e meio, conforme a lista. Além da menção aos foros e mercês relativos a terras, há dados sobre as ordinárias pagas aos jesuítas na administração dos convertidos (1.500 parhaus para cada padre), de duas vigarias (250 xerafins) e para os jesuítas do Japão (500 parhaus relativos a juros que tinham no cassabé de Caranjá), de Cranganor e Angamale (de um total de 5.000 xerafins usados também para pagar o arcebispo de Goa). AHU, CU, 058, cx. 10, doc. 120. Foi mantida a grafia da toponímia de acordo com o documento.

Nos "sertões" da Índia

terras	foro anual	mercês
Aldeia Anapa	30 pardaus	
Aldeia Bandorá e Corlem	572 pardaus	esmola
Aldeia Condoty	80 pardaus	valor usado para pagar os 1000 pardaus do Colégio do Japão
Aldeia de Velapa	60 pardaus	valor usado como esmola para o Colégio de Taná
Aldeia Poinisar e Ancolovaly e Gandoly	400 pardaus	doação referente a 250 pardaus de ouro e 12 candis de trigo
Aldeia Poisen	60 pardaus	para o Colégio do Japão
Aldeias Dains e Talavem da pragana Solgão	15 pardaus	
Terra Baloly da pragana Solgão	15 pardaus	
Aldeia Saibana da pragana Eram	130 pardaus	
Aldeia Sarja Mory da pragana Camão	330 pardaus	

Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, CU, 058, cx. 10, doc. 120.

Sobre o sustento material do povoado da Trindade, os jesuítas contavam com 1.500 pardaus de esmola régia em 1557, que foram acrescidos de mais 100 pardaus no ano seguinte. Em 1558, o povoado possuía, além das citadas esmolos régias, 300 pardaus da receita das terras e palmeiras de duas aldeias que haviam sido compradas, cem bois e vacas, mais de uma centena de cabras, uma horta grande, árvores frutíferas e uma fonte de água no terreno.⁴³ Em 1586, as pequenas aldeias adjacentes (Ravalem, Jantarem e Asanap) compradas para sustento do povoado rendiam 300 pardaus anuais, dos quais 180 pardaus eram usados no sustento de um padre e um irmão, enquanto o restante atendia às necessidades dos pobres que viviam na aldeia.⁴⁴

A lista de terras e receitas de 1621, já citada, menciona o foro anual pago pelas aldeias Jantarem (45 pardaus) e Anapa (30 par-

⁴³ DHMPPO, v. 6, p. 411-412.

⁴⁴ DI, v.14, p. 485.

daus).⁴⁵ Em 1635, pagavam os mesmos 45 pardaus de foro anual pela aldeia Jantarem, que valia 2.000 pardaus. Na mesma lista de terras e receitas dos jesuítas de 1635 consta que a aldeia Anapo⁴⁶ rendia 30 muras⁴⁷ de bate anuais, o que equivalia a 150 pardaus. Ao passo que aldeia Ravalem, situada na Ilha de Salcete, valia 3.500 pardaus e pagava 50 pardaus de foro anual.⁴⁸ Em uma relação de terras e receitas elaborada em 1666 não há detalhes sobre as propriedades e suas receitas, apenas que o padre que atuava na Trindade era sustentado com as receitas do Colégio de Taná, o que demonstra que esse povoado ainda era mantido pelos jesuítas em 1666.⁴⁹

No contexto da administração de terras, os jesuítas produziram e conservaram registros sobre os bens da Companhia de Jesus na Índia. Elaboraram listas de suas terras e demais bens, relatórios e pareceres sobre tributos, arrendamentos, obrigações dos trabalhadores agrícolas e costumes locais relacionados às relações fundiárias. Esses documentos foram utilizados para resolver disputas de terra entre autoridades coloniais, jesuítas, herdeiros e comunidades locais.

Com o tempo, os jesuítas passaram a ocupar diversas funções na vida econômica e militar da Província do Norte. A partir da década de 1620, passaram a administrar o imposto de 1% destinado à defesa da Província do Norte. Também geriram estaleiros, armazéns militares, artilharia e fortificações, além dos celeiros de

⁴⁵ Possivelmente se trata da aldeia Asanapa. AHU, CU, 058, cx. 10, doc. 120.

⁴⁶ Possivelmente Asanap. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), GEI, Livro das Monções, liv. 35, fl. 356-360.

⁴⁷ Mura é um fardo feito de palha usado para conservar ou transportar cereais, especialmente o arroz. Esses fardos serviam de medida. DALGADO, 1919, p. 81.

⁴⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), GEI, Livro das Monções, liv. 35, fl. 357.

⁴⁹ Por essa razão, o recorte cronológico deste capítulo finaliza em 1666. CALADO, Adelino de Almeida. A Companhia de Jesus em meados do século XVII. *Studia*, Lisboa, v. 40, p. 349-366, 1978. "Lista das rendas e despesas da Província de Goa da Companhia de Jesus pera o Senhor Conde Viso-Rei Joam Nunes da Cunha".

Baçaim, Chaul, Damão e Diu.⁵⁰ A participação dos jesuítas nessas empreitadas não é o foco deste capítulo, mas as suas ações na administração de terras com o propósito de evangelização e ocupação de terras mais remotas, como foi o caso da aldeia da Santíssima Trindade.

A CONSTRUÇÃO DE UM POVOADO CRISTÃO NA ALDEIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Uma das iniciativas jesuíticas na Província do Norte que atraiu a atenção da historiografia foi a experiência de fundação de um povoado cristão: a aldeia da Santíssima Trindade, situada nas proximidades de Taná. Conduzida a partir da década de 1550 na Índia, essa experiência tem sido comparada a práticas posteriores dos inicianos nos aldeamentos da América.

André Teixeira, por exemplo, descreveu-a como “uma experiência de fundação de uma aldeia [...] destinada a enquadrar populações locais num modo de vida, credo e identidade cristã, um pouco à semelhança das reduções criadas na mesma época no Brasil”.⁵¹ Similarmente, Sidh Mendiratha afirmou que os jesuítas fundaram “their first comunal missionary village, Trindade, known in British maps as Tirandaz, also in Salsette Island, a settlement predating the famous south-American reducciones.”⁵² Walter Rossa tam-

⁵⁰ SOUZA, Teotónio R. de. O ensino e a missão jesuítica na Índia. In: GONÇALVES, Nuno da Silva (Org.). *A Companhia de Jesus e a Missão no Oriente*. Lisboa: Brotéria – Revista de Cultura & Fundação Oriente, 2000, p. 129; MENDIRATTA, Sidh Daniel Losa. *Dispositivos do Sistema Defensivo da Província do Norte do Estado da Índia, 1521-1739*. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, p. 247; BORGES, 1995.

⁵¹ TEIXEIRA, 2010, p. 93.

⁵² MENDIRATTA, Sidh Daniel Losa, Framing Identity: Bombay's East-Indian Community and its Indo-Portuguese historical background (1737-1928). *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa, v. 18, p. 207-248, 2017, p. 210.

bém observou que, na aldeia da Trindade, os jesuítas realizaram “a primeira experiência de redução, depois bem conhecida e bem mais apropriada à realidade [...] do território sul-americano”.⁵³

Estes estudos apresentaram uma comparação geral entre a experiência indiana e os aldeamentos da América. Todavia, pretendemos destacar alguns aspectos dessa experiência na Índia, por meio de uma análise verticalizada do caso, considerando a articulação entre a experiência local na aldeia da Trindade e as iniciativas desenvolvidas pelos jesuítas em Baçaim, Taná e seus arredores. Inicialmente, almejamos ressaltar que a fundação do povoado da Trindade não ocorreu no litoral, nem em uma cidade central como Baçaim, mas no “interior” da Ilha de Salsete, a partir da presença dos jesuítas em Taná (*umland*),⁵⁴ que pode ser entendida como uma área circundante e conectada a um núcleo urbano principal (Baçaim), como uma região intermediária entre esse centro urbano e uma área “rural” (Trindade). A partir de Taná, os jesuítas penetraram pelo “sertão da ilha adentro”, onde compraram terras em 1557, com o propósito de edificar um povoado cristão, segregado das populações não cristãs.

Nesse sentido, cabe destacar a semelhança com o caso brasileiro, onde o primeiro aldeamento também não foi estabelecido em Salvador, no litoral, mas no interior. Em 1556, Nóbrega e Anchieta trouxeram três grupos indígenas para habitar em um mesmo lugar, a cerca de 70 quilômetros da costa, na aldeia de Piratininga (São Vicente, São Paulo). Segundo José Eisenberg, esse povoado era formado por índios convertidos que viviam da agricultura de subsistên-

⁵³ ROSSA, 2010, p. 67.

⁵⁴ Conforme Michael Pearson, *umland* “is the immediate surrounding area, directly connected to the city [...]”. “the umland, may be best seen as transitional between the dominant town and the pure countryside”. PEARSON, Michael N.. *Port Cities and Intruders. The Swahili Coast, India, and Portugal in the Early Modern Era*. Baltimore/ London: John Hopkins University, 1998, p. 66–67.

cia, enquanto seus filhos eram educados na moral e nos costumes cristãos pelos jesuítas. Três anos depois, essa experiência inicial foi projetada como modelo para o todo o litoral brasileiro, com o respaldo das tropas coloniais contra os indígenas que se recusassem a ser levados e cristianizados nos aldeamentos – aos quais seria decretada “guerra justa”.⁵⁵

Como observa Eisenberg, não se tratava da ida dos missionários para locais distantes para evangelizar, mas da concentração de catecúmenos e convertidos em um mesmo povoado, governado por princípios ligados à disciplina cristã – das almas e dos corpos. Tal prática denotava uma adaptação ao meio físico e cultural local, em contraste com o ideal itinerante presente nas Constituições da Companhia de Jesus.⁵⁶ Em estudo sobre uma fase posterior das missões no Brasil, Charlotte Castelnau-L’Estoile também destacou essa mudança, pois, segundo a autora, os jesuítas do Brasil “inventaram o *aldeamento*, isto é, uma aldeia de evangelização onde eram reunidos índios de origens diversas com os quais residiam os missionários”, com o objetivo de transformar os seus costumes e doutriná-los. Segundo a autora, em “decorrência da especificidade da conversão dos índios no Brasil, a missão, itinerante por definição, torna-se fixa”.⁵⁷

É importante destacar, contudo, que alguns autores, como mencionamos, consideraram que a prática de evangelização em um povoado, de forma fixa, não foi exclusiva da experiência americana. Na Índia, os jesuítas tinham acumulado alguma experiência missionária em busca de concentrar populações convertidas em determinados povoados, como parte de sua estratégia de evan-

⁵⁵ EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 89–90.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ CASTELNAU-L’ESTOILE, Charlotte. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil - 1580-1620*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 19.

gelização. Ângela Barreto Xavier, por exemplo, analisou o caso da Ilha de Chorão, cujos projetos evangelizadores consistiam em transformá-la em algo como a primeira comunidade inteiramente cristã de Goa, e considerou que essa experiência antecedeu as realizadas no Brasil e em Baçaim.⁵⁸

Sobre a experiência missionária nos arredores de Baçaim, cabe narrá-la a partir dos relatos coetâneos dos jesuítas, como as cartas redigidas pelo padre Gonçalo Rodrigues, personagem central na construção do povoado da Santíssima Trindade.⁵⁹ Conforme Castelnau-L'Estoile, um dos princípios que forjavam o ideal missionário dos jesuítas era a relação entre a salvação e perfeição das almas dos membros da Companhia de Jesus e a salvação dos outros. Além disso, considerava-se que os lugares onde a presença jesuíta era pouca ou inexistente se tornavam espaços privilegiados para fortes experiências espirituais e exercício das virtudes.⁶⁰ As qualidades do padre Gonçalo Rodrigues foram assim descritas, com destaque tanto da “perfeição de sua pessoa” (sua salvação e perfeição como membro da Companhia) quanto da “edificação dos próximos” (a salvação dos outros):

⁵⁸ XAVIER, Ângela Barreto. *Religion and Empire in Portuguese India: Conversion, Resistance, and the Making of Goa*. Albany: State University of New York Press, 2022, p. 219–221. Acerca de Chorão, a autora explicou que: “there were two alternative models of Christianisation. The first aimed at converting the residents and simultaneously erasing the existing devotional order. Vicar General Pero Fernandes Sardinha proposed a second model whereby non-Christians of Goa would be disallowed in the islands of Chorão and Dívar. However, the model applied was the first of the two, making Chorão, from the perspective of the Portuguese, a model of Christianisation. Chorão aimed to have the first entirely Christian neighbourhood of Goa.”

⁵⁹ Partiu de Lisboa para a Índia em março de 1551 e, em seguida, foi mandado para Ormuz. Em 1557, esteve em Baçaim e Taná, por onde há indícios de sua presença até 1560. Em 1561 foi enviado para Bijapur. Em 1562, esteve novamente em Taná e também se ocupou da Trindade (1563). Muito doente, faleceu em 1564. DHMMPO v. 5, p. 237, p.339; v. 7, p. 65, 83, 169; v. 8, p. 351, 362, 423; v. 9, p. 227, 510.

⁶⁰ CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p. 94–97.

Taná

O padre mestre Gonçalo é sacerdote **inteiro nas virtudes** assi nas que tocam **a perfeição de sua pessoa como nas que fazem para edificação dos próximos**, como também no temor de Deus. É mui tardo na memória, tanto que sabendo medíocres letras, e sendo medíocre graça de pregar, não se atreve a meter na memória uma pregação, e já não prega, tem cuidado da cristandade de Taná, é nisso diligente, naturalmente mui Melancólico **porém com virtude encobre a torvação da natureza tímida, e escrupulosa e triste, onde quer que está faz muito fruto nas almas e dá muita edificação.**⁶¹

Gonçalo Rodrigues, em carta enviada aos padres e irmãos da Companhia de Jesus de Portugal em novembro de 1557, mencionou que ele e seu companheiro – o padre Francisco Henriques – costumavam pregar em Baçaim e Taná. Gonçalo Rodrigues descreveu Taná como uma “cidade mui grandíssima de portugueses e cristãos da terra, mouros e gentios”.⁶² No entanto, ele constatou que era muito difícil manter os nativos convertidos seguindo a fé cristã naquela região: “A maneira desta cristandade é a mais trabalhosa de conservar que quantas [h]ai no mundo”. Entre outras razões, havia a dificuldade em prover os cristãos locais com o que lhes fosse necessário do ponto de vista material para sobreviverem em Taná.

Essa teria sido uma das motivações para a criação de um povoado para acolher e dar condições de vida a essa população convertida oriunda de Taná: “Porquanto se vem fazer muitos lavradores cristãos, que na cidade de Taná não podem ter vida”, ou seja, se

⁶¹ ARSI, Goa 24, fl. 33-33v. Ano 1560. Grifo nosso.

⁶² DI, v. 3, p. 690-692. Taná, 21/11/1557. Carta do Padre Gonçalo Rodrigues aos padres e irmãos da Companhia de Jesus de Portugal. Em 1560, menciona-se que Gonçalo Fernandes já não pregava mais.

manter. Esse povoado foi criado na aldeia da Santíssima Trindade, situada a “uma légua de Taná”. A povoação foi formada em “uma aldeia despovoada”, que o padre Gonçalo Rodrigues havia comprado com as esmolas que o governador havia concedido aos inacionos. A percepção do padre Gonçalo Rodrigues era de que a terra era promissora para o cultivo, “por estar em um bom sítio, uma boa légua de Taná, na mesma ilha de Salsete, e ter ao redor terras boas e três fontes e tanques de água e um poço empedrado.”⁶³.

O propósito dos jesuítas era que, naquelas terras, fosse criado um povoado que fosse habitado por cristãos. O objetivo era juntar, na aldeia da Santíssima Trindade, os cristãos que estavam espalhados e vivendo entre os muçulmanos e hindus em diferentes partes da Província do Norte.⁶⁴ Com efeito, sobre a povoação da Trindade, o padre mestre Gonçalo Fernandes descreveu:

Ali temos muitas terras e palmeiras que é o vinho desta terra e muitos bois e arados e granjearia para os pobres, com seu trabalho, terem de comer. **A principal cousa porque isto se faz é tê-los todos juntos e apartados da conversação dos gentios** entre os quais vivendo se tornam alguns deles a lembrar de seus primeiros costumes se de todo nos descuidamos deles.⁶⁵

Logo, a estratégia foi tentar atrair, para o povoado, as pessoas que demonstrassem interesse em se converter ao catolicismo. Para atrai-los, aos convertidos eram concedidas condições para habitarem na localidade, ou seja, casas e terras para o cultivo. Além disso, os jesuítas previam a concessão de sementes, instrumentos

⁶³ DI, v. 3, p. 690-692, DHMPPO, v. 6, p. 410.

⁶⁴ DI, v. 3, p. 690-692. Grifo nosso.

⁶⁵ DHMPPO, v.6, p. 417. Carta do padre mestre Gonçalo aos padres e irmãos do Colégio de Goa, Taná, 1 de dezembro de 1558.

agrícolas e animais para o arado, bem como o sustento e vestuário enquanto os novos moradores ainda não tivessem lavrado o suficiente para o próprio consumo. O irmão Manuel Gomes foi um dos principais responsáveis pela gestão da terra, dos utensílios agrícolas e dos trabalhadores que residiam na Trindade. O irmão Manuel Gomes era quem arbitrava o uso das terras, do gado e demais elementos necessários ao sustento da comunidade de cristãos nativos. Nas cartas, os jesuítas elogiavam o tenaz trabalho que o irmão Gomes desempenhava:

porque a sua indústria e engenho faz a todos trabalhar em suas lavouras, dando-lhes terras e sementes de que colhem frutos como que se sustentam não somente os que trabalham, mas ainda os que não podem fazer como viúvos, velhos e doentes, os quais todos são providos em suas necessidades, por todo o ano, de uma pataia⁶⁶ grande que se enche de bate⁶⁷ para eles.⁶⁸

Essas ações sugerem a adoção de medidas para estimular a fixação de trabalhadores convertidos no povoado da Santíssima Trindade. Além de favorecer a permanência dos convertidos no seio da Igreja Católica, essas ações visavam afastá-los do convívio com não cristãos.

A expectativa era a gestão de uma comunidade cristã disciplinada, ordenada. Nesse sentido, os jesuítas também geriram a cobrança do foro a ser pago à Coroa, com base no bate recolhido pelos cristãos da terra em duas aldeias por eles cultivadas, que também haviam sido adquiridas pelos jesuítas. O padre mestre Gonçalo Fernandes justificou a aquisição dessas terras para “o

⁶⁶ Celeiro.

⁶⁷ Bate é o arroz em casca ou em erva. DALGADO, 1919, p. 102.

⁶⁸ DHMPPO, v. 9, p. 504.

bem desta povoação” da Trindade.⁶⁹ Das terras classificadas como comunais era extraído o sustento de viúvas e órfãos, além dos alimentos para enfermos e para os catecúmenos.⁷⁰

A manutenção desse povoado dependia do regular ingresso e da reprodução dos trabalhadores localmente (na Trindade) e em Taná. Evidentemente, existiam vários desafios, entre eles a fúria dos fenômenos climáticos, a disseminação de doenças, o impacto das guerras e da fome sobre as populações. A memória dos jesuítas era de que Taná havia sido “antigamente uma das mais populosas cidades destas partes”, mas as guerras e outros fatores teriam afetado a demografia local.⁷¹

As adversidades decorrentes das intensas chuvas e da disseminação de doenças impactavam a manutenção das comunidades católicas em Taná e na Trindade. Em 1558, o padre mestre Gonçalo mencionou que, antes da estação das chuvas, o Colégio de Taná abrigava 150 meninos, mas uns vinte teriam morrido de “bexigas” (varíola).⁷² Os próprios padres sucumbiam frequentemente às doenças. O padre mestre Gonçalo adoeceu algumas vezes, mas em 1564, atuando como “reitor da casa de Taná” e sem sinais de que conseguiria convalescer, foi chamado pelo provincial para Goa, falecendo em Rachol em outubro daquele ano.⁷³ Cartas redigidas pelos jesuítas relatavam constantemente os casos de padres acometidos por enfermidades. O ano de 1603 foi particularmente difícil para a comunidade de Taná, com vários moradores cristãos nativos acometidos por doenças.⁷⁴

⁶⁹ Moeda de ouro (valia seis tangas ou 360 réis) ou de prata (valia cinco tangas ou 300 réis). DALGADO, 1919, p. 175.

⁷⁰ DHMPPQ, v. 8, p. 411.

⁷¹ DHMPPQ, v. 9, p. 132.

⁷² DHMPPQ, v. 6, p. 413. Às vezes, a instituição é denominada de colégio nas fontes, ainda que não tivesse formalmente esse estatuto.

⁷³ DHMPPQ, v. 9, p. 309, 510.

⁷⁴ ARSI, Goa 33, fl. 118-118v.

A despeito dessas adversidades, os jesuítas desenvolveram estratégias em busca de manter e ampliar as comunidades cristãs nessas regiões. Uma delas foi atrair pessoas para as terras de Taná e da Trindade. Em 1560, o padre Cristóvão da Costa relatou o caso de habitantes de Baçaim que haviam aceitado se converter ao catolicismo, os quais estavam sendo enviados a Taná.⁷⁵ No ano seguinte, Taná concentrava cerca de 2.000 a 3.000 cristãos e aproximadamente 150 meninos no colégio jesuítico local.⁷⁶ Em carta anual de 1603, o Colégio de Taná foi descrito como “cabeça da cristandade de Baçaim, nas partes do Norte”.⁷⁷

Os jesuítas identificavam entre os meninos do Colégio de Taná aqueles que os padres julgavam que estavam “destinados” a serem lavradores, de acordo com a casta e suas “propensões”. Esses meninos eram levados para a aldeia de Trindade em uma época específica da lavoura do arroz, considerando os ciclos agrícolas: no “tempo de dispor do bate, e vão os que têm corpo para isso à aldeia da Trindade a dispor o bate o qual se dispõe todo a mão como cebolinha que é imenso trabalho”. Uns e outros meninos, trazidos de Taná, ajudavam-se nesse pesado labor agrícola.⁷⁸ Segundo Dharma Kumar e Tapan Raychaudhuri, havia duas temporadas principais de cultivo do arroz: *kuddapah-kar* e *samba-peshanam*, nomeadas conforme as variedades de arroz cultivadas nos meses de verão e inverno. No norte da Índia havia as estações agrícolas *kharif* e *rabi*. Apesar da tentativa de distribuir o trabalho ao longo do ano, as épocas de plantio e colheita do arroz eram períodos de trabalho intenso, muitas vezes desempenhado por cultivadores, mas também por trabalhadores das castas baixas, essenciais nesse sistema

⁷⁵ DHMPPO, vol. 8, doc. 22, p.126, Baçaim, 01/12/1561.

⁷⁶ DHMPPO, vol. 8, p. 407.

⁷⁷ ARSI, Goa 33, fl. 118-118v.

⁷⁸ DHMPPO, vol. 6, p. 414.

produtivo.⁷⁹ Os jesuítas, portanto, estavam recorrendo a tais trabalhadores na colheita do arroz, adotando e adaptando práticas usadas pelas sociedades tradicionais locais da Índia.

O plano era que esses meninos trazidos de outras aldeias exercessem o trabalho agrícola na estação específica, mas também era esperado que eles se casassem com as filhas dos lavradores que moravam na Trindade, assim que a atingissem a idade de quatorze a quinze anos.⁸⁰ Com efeito, os “cristãos de Vear” (outra aldeia) “tem aí [na Trindade] suas mulheres e vivem todos muito contentes na Trindade”, afirmou o padre João Bravo.⁸¹

Cabe destacar que, de maneira geral, os jesuítas buscaram atrair a população dos arredores para aldeia da Trindade, graças à oferta de casas e terras para aqueles que se convertessem e passassem a viver no povoado, como mencionamos. Além disso, os jesuítas traziam os “órfãos” de Baçaim e de Taná.⁸² Mudanças na legislação relativa aos órfãos no Estado da Índia, e na sua interpretação, certamente impulsionaram os jesuítas em busca de lançar mão dessa estratégia. Em 1556, Francisco Barreto, o governador do Estado da Índia, determinou que os filhos de pais gentios (ou muçulmanos) seriam retirados de suas famílias quando o pai morresse, mesmo que tivessem mãe e outros parentes ainda vivos, caso não fossem cristãos. Esses órfãos deveriam ser entregues a um tutor cristão até atingirem a idade da razão ou os

⁷⁹ KUMAR, Dharma; RAYCHAUDHURI, Tapan. *The Cambridge Economic History of India*, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 228–229.

⁸⁰ DHMPPQ, vol. 6, p. 414.

⁸¹ DHMPPQ, vol. 8, doc. 17, p. 47. Taná, setembro de 1560.

⁸² Ver a análise detalhada em: ANJOS, Camila Domingos dos. *Para favorecer a cristandade: os jesuítas e a doutrina dos meninos nativos em Goa (XVI-XVII)*. 2021. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021.

quatorze anos.⁸³ Essa norma foi alvo de muitas contestações, com mudanças posteriores, porém, é possível identificar a presença de tais órfãos nativos nos colégios jesuítas da Província do Norte, que foram incorporados também nas comunidades cristãs geridas pelos jesuítas.

Em Baçaim, o padre Manuel Correa atuava na Casa dos Catecúmenos local e referiu-se à instabilidade político-militar local naquela época, que tinha como consequência o crescimento do número de órfãos, que, por sua vez, eram acolhidos pelos jesuítas: "por causa das guerras houve muito maior número de órfãos, morrendo nela de pais gentios, ou aos fios da espada, e [...] de fome, para que os filhos por meio do batismo alcançassem a vida de graça."⁸⁴ Em Taná, a Casa dos Catecúmenos, presidida por um jesuíta, estava repleta de catecúmenos, pois supostamente uma aldeia inteira⁸⁵ havia se convertido em razão das guerras locais, ou seja, a população parecia buscar algum amparo nas instituições católicas, no caso estudado, nas administradas pelos jesuítas.⁸⁶

No povoado da Trindade havia um "colégio" de meninos órfãos nativos que, depois de batizados, eram criados na "doutrina e no trabalho".⁸⁷ Em 1577, havia 170 órfãos nesse "colégio" situado na

⁸³ FARIA, Patrícia Souza de. Catholics and Non-Christians in the Archbishopric of Goa: Provincial Councils, Conversion, and Local Dynamics in the Production of Norms (16th–18th Centuries). In: SAAVEDRA, Manuel Bastias (Org.). *Norms beyond Empire: Law-Making and Local Normativities in Iberian Asia, 1500-1800*. Leiden, The Netherlands: Brill | Nijhoff, 2021, p. 102–130.

⁸⁴ Biblioteca da Ajuda, Cod. 49-V-34, fol. 267v. Jesuítas na Ásia, Breve notícia das missões que a Companhia de Jesus tem nas partes do Oriente. "[...] não só de bautizar os gentios órfãos mas também de converter os adultos. A uns e outros recolhe primeiro no dito Seminário, ou Casa dos Catecúmenos, e depois de bens instruídos nos mistérios da fé os batiza." Doravante: BAL.

⁸⁵ A afirmação de que uma aldeia inteira havia sido convertida servia aos propósitos deste tipo de fonte, que enaltece os alegados sucessos da evangelização.

⁸⁶ BAL, Cod. 49-V-34, fol. 268v.

⁸⁷ DHMPPO, v. 9, p. 505. Carta do padre Belquior Dias, Baçaim, primeiro de dezembro de 1565.

Trindade. Esses órfãos, depois da instrução religiosa, eram enviados todos os dias para “trabalhar em certas terras”. Eram sustentados com o que se colhia dessas terras e, depois de crescidos, o irmão da Companhia de Jesus arranjava-lhes um casamento e, após casados, permaneciam no povoado da Trindade. “Assim veio a se formar uma das melhores povoações daquelas terras”, conforme as palavras elogiosas dos jesuítas, de modo que, com o fruto do trabalho dos meninos, foi possível comprar mais terras.⁸⁸

Depois de Baçaim, Taná foi a sede do mais importante colégio jesuíta da Província do Norte. O Colégio de Taná concentrou-se no encaminhamento de meninos nativos para o exercício de trabalhos agrícolas e artesanais (formando oleiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates). A instrução recebida pelos meninos no Colégio de Taná seguia a visão jesuíta sobre castas (*jatis*): um menino de casta alfaiate, por exemplo, não seria treinado como contador (*parbu*) e vice-versa. Comparativamente, o Colégio de Goa preparava meninos principalmente para serem catequistas ou clérigos nativos,⁸⁹ ao passo que o de Taná encaminhava os meninos para que atuassem como lavradores ou artesãos que fabricassem (ou reparassem) utensílios agrícolas ou fornecessem demais serviços demandados pelas comunidades das aldeias.

Os gentios que se estabeleciam na aldeia da Trindade e se convertiam ao catolicismo eram incitados pelos jesuítas ao trabalho e a “ganhar a vida em diversos ofícios”.⁹⁰ Na aldeia da Trindade, em 1560, padre João Bravo contou “quinze casais com seus filhos e filhas, todos curumbins” (lavradores), levados para o povoado pelo irmão Gomes, com a promessa de construírem casas para eles.⁹¹ O

⁸⁸ DI, v. 13, doc. 1, p. 29. Sumarium Indicum P. Alexandri Valignai, Visitatoris. Malaca, 22 de novembro de 1577.

⁸⁹ ANJOS, 2021.

⁹⁰ DHMPPO, v. 9, p. 132. Baçaim, 5 de dezembro de 1562.

⁹¹ DHMPPO, v. 8, p. 47-48.

padre Fernão da Cunha também descreveu os moradores de Trindade enfatizando que “todos são lavradores”.⁹² Assim, na aldeia da Santíssima Trindade, próximo à igreja e à residência jesuítica homônimas, havia “uma povoação de cristãos da terra” que, “por estar entre matos”, não era habitada por portugueses, de maneira que eram esses cristãos nativos os responsáveis por ocupar, lavrar a terra e desempenhar as demais funções necessárias ao sustento material da comunidade: **“todos são homens trabalhadores e se mantêm por seus trabalhos; uns lavrando, outros pescando, outros sendo tecelões”**.⁹³

Em Taná, houve casos de meninos e meninas “comprados” pelos jesuítas,⁹⁴ vendidos por seus pais em situação de extrema necessidade. Para esses meninos e meninas, os jesuítas esperavam fornecer tanto a instrução religiosa quanto a educação para formar trabalhadores disciplinados. Na perspectiva dos inacianos, a compra desses meninos e meninas afastava-lhes dos perigos que ameaçavam suas almas, por retirá-los do convívio com famílias muçulmanas, além de resgatá-los da fome em contextos de calamidade, que assolavam a região por causa de guerras e fenômenos climáticos.⁹⁵

Os relatos a respeito da compra de crianças apareciam, nas cartas, como uma forma de os religiosos enalteceram as próprias ações caritativas, como se os padres estivessem garantindo a sobrevivência de pessoas submetidas a elevado grau de vulnerabili-

⁹² DHMPPO, v. 9, p. 386.

⁹³ DHMPPO, v. 9, p. 504 . Grifo nosso.

⁹⁴ DHMPPO, v. 6, doc.49, p. 409-410. SOUSA, 1710, P1, C. I, D.II, 139.

⁹⁵ Historiadores destacaram os nexos entre fome, escassez e a escravização na Índia. ARASARATNAM, Sinnappah. Slave Trade in the Indian Ocean in the Seventeenth Century. In: MATHEW, K.S. (Org.). *Mariners, Merchants and Oceans*. New Delhi: Manohar, 1995, p. 195–208; CARREIRA, Ernestine. *Globalising Goa (1660-1820). Change and Exchange in a Former Capital of Empire*. Goa: Goa 1556, 2013.

dade e de fome. Tratava-se, portanto, de ação vista como redentora da alma e provedora das necessidades do corpo. O padre Gonçalo Rodrigues mencionou essa prática em carta escrita em Baçaim, em cinco de setembro de 1558:

Muitos meninos e meninas compramos aos seus próprios pais que os queriam vender a mouros e os liberamos do poderio do demônio [...]; entre os quais foi um de duas tangas⁹⁶, que são vinte vinténs, e outro que custou tanga e meia [...]; muitos homens e meninos nos morreram aquele ano no Colégio de Taná, depois de feitos cristãos, **porque vinham tão desbaratados das fomes**// que nesta terra houve⁹⁷.

As cartas ânuas seiscentistas também mencionam a compra de crianças pelos jesuítas.⁹⁸ Em narrativas posteriores permanece a menção a essa prática de compra de meninos e meninas pelos jesuítas. O preço dos meninos variava conforme a idade, de modo que um menino de peito valia o equivalente a um cabrito em Portugal, afirmou o padre Francisco de Sousa. Em “Oriente Conquistado”, Francisco de Sousa mencionou que o padre Gonçalo Rodrigues “andava pelo contorno de Baçaim, & Taná à caça dessa mercancia, & comprou um grande número de meninos”.⁹⁹

Esperava-se que esses meninos trazidos dos arredores de Baçaim e Taná, quando chegassem aos quatorze ou quinze anos de idade, casassem-se com as filhas dos lavradores da aldeia da Santíssima Trindade. Geralmente um irmão da Companhia de Jesus era um dos responsáveis por conseguir os enxovais e arranjar os

⁹⁶ Tanga era uma moeda de prata que valia 1/5 do pardau, 60 réis ou 48 bazarucos. GODINHO, Vitorino Margalhães. *Les Finances de l'État Portugais des Indes Orientales, 1517-1635*. Paris: FCG, 1983, p. 353.

⁹⁷ DHMPPQ, v. 6, doc. 49, p. 441. Grifo nosso.

⁹⁸ ARSI, Goa 33, I, fol. 557r.

⁹⁹ SOUSA, 1710, C. I, D. II, & 32, p. 139.

casamentos para esses jovens moradores do povoado.¹⁰⁰ Os jesuítas, portanto, promoveram diversas iniciativas na forma de uma engrenagem, sempre em movimento, que pudesse garantir a continuidade e a ampliação dessa experiência missionária.

Deste modo, essas ações, que incluíam atrair populações dos arredores (com promessas de terras, casas e subsistência) e a compra de meninos, teriam contribuído para o aumento do número de convertidos e da população residente na Trindade.¹⁰¹ No princípio, a povoação da Trindade contava com apenas 50 pessoas.¹⁰² Em dezembro de 1558, o número de sua população inicial havia triplicado, chegando a mais de 150 convertidos, de modo que os jesuítas enalteciam a população que lá residia: "todas novamente convertidas e todos trabalhadores e mercadores".¹⁰³ Em 1566, a população chegou a cerca de mil cristãos.¹⁰⁴ Vinte anos depois, a estimativa era de 2.000 cristãos. Em 1623, os 2.600 cristãos do povoado viviam repartidos em doze aldeias (gráfico 1).¹⁰⁵

¹⁰⁰ Carta do padre Sebastião Gonçalves ao irmão Francisco Coelho, Taná, 21/11/1566, DHMPPO, v. 10, p.78-79.

¹⁰¹ DHMPPO, v. 6, doc.49, p. 411.

¹⁰² DI, v. 3, p. 690-692.

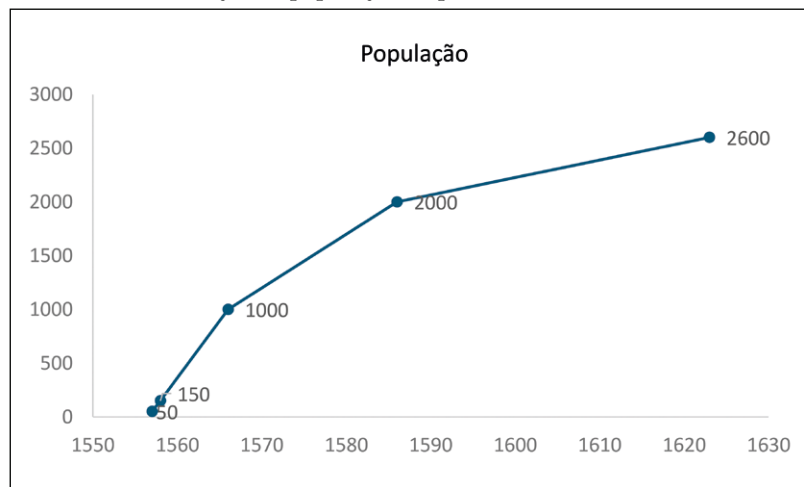
¹⁰³ DHMPPO, v. 6, doc.49, p.417. Taná, 01/12/1558. Em relato posterior, a cifra apresentada parece exagerada: em menos de um ano chegara a 500 pessoas. SOUSA, 1710, P. 1, C. I, DD. II, 32, 138.

¹⁰⁴ DHMPPO, v. 10, p.78-79. Taná, 21/11/1566.

¹⁰⁵ ARSI, Goa 33, fl. 724. "Há dois mil e seiscentos cristãos repartidos por doze aldeias [...]. Batizaram já 180 crianças, nenhum adulto, por não haver gentios tirando uns poucos que de ordinário não estão ali, nem aí moram de assento".

Patricia Souza de Faria

Gráfico 1: Evolução da população no povoado da Trindade (1557-1623)



Fontes: ARSI, Goa 33, fl. 724; DHMPPO, v. 6 e 10; DI, v. 3 e 14;
Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado*, P.1, C. I, D. II, & 32.

VOZES DISSONANTES SOBRE UM POVOADO CRISTÃO HARMÔNICO

Em seus escritos, os jesuítas promoveram a imagem de um uso harmônico das terras na Trindade, destacando a suposta sinergia entre missão evangélica e o povoamento produtivo. Era dessa forma que narraram a tomada de órfãos de Baçaim, Taná e demais convertidos, levados para o povoado da Trindade. As estratégias para atrair gentios e muçulmanos para a Trindade também foram enaltecidas pelos jesuítas, como se fossem alvo de consenso. Os jesuítas imaginaram o governo das terras e da produção agrícola como se estivesse sendo conduzido no seio de uma grande “família”. Nas palavras do jesuíta Francisco de Sousa, “como se toda aquela Aldeia fosse uma só família, & um só casal”.¹⁰⁶ O padre Se-

¹⁰⁶ SOUSA, 1710, P. 1, C.I, D.II, 32, 138.

bastião Rodrigues afirmou que o irmão Manuel Gomes “os cria como filhos”, referindo-se aos cuidados com os cristãos da terra, que incluíam desde o sustento material até arranjar os casamentos e enxovais.¹⁰⁷

No entanto, apesar dessa descrição tão harmoniosa de uma comunidade ordenada e disciplinada, a análise mais detalhada desse processo sugere que as práticas adotadas pelos jesuítas na administração das terras e das populações locais geraram conflitos com vários agentes locais. Por exemplo, moradores e agentes da Coroa queixavam-se do despovoamento de Baçaim. Com efeito, um alvará de Dom Luís Ataíde revelou outras opiniões, preocupadas com o abandono das terras de Baçaim pelas populações nativas. Os moradores sentiam o impacto da partida de tantos oficiais mecânicos – tecelões, carpinteiros, serradores, ferreiros – deixando as terras da Coroa lusa “despovoadas e desertas”. Os religiosos foram responsabilizados por tal partida, por causa das pressões que exerciam para que os nativos se convertessem, de sorte que as populações não cristãs de Baçaim, Taná e arredores partiam para terras de muçulmanos.¹⁰⁸

Nesse sentido, senhores de terra em Baçaim resistiam às medidas adotadas pelos jesuítas no povoamento de regiões interiores, temendo a perda de seus lavradores. A Câmara de Baçaim queixou-se ao rei a respeito da retirada de órfãos de suas aldeias pelos jesuítas, pois isso diminuía o número de cultivadores nas aldeias de Baçaim, que eram predominantemente não cristãos.¹⁰⁹

Documentos atestam episódios de resistência local à ação dos jesuítas em Baçaim, especificamente em relação à prática de re-

¹⁰⁷ DMPPQ, v. 10, p. 78. Taná, 21 de novembro de 1566.

¹⁰⁸ DHMPPQ, v. 12, doc. 46, p. 416.

¹⁰⁹ HU, CU, Consultas da Índia, cód. 211, fl. 189. Embora o Conselho Ultramarino tenha considerado a queixa da Câmara de Baçaim inconsistente (Lisboa, 29 de agosto de 1648).

colher e doutrinar órfãos de famílias gentias ou muçulmanas. Essa prática encontrou resistência por parte da população nativa e também por portugueses. Em um relato, um padre residente em Baçaim foi impedido de recolher órfãos pelos *bandarins*, “que são os que arrendam as palmeiras, e as cultivam”. Outro padre tentou recolher os órfãos, sem saber o que se passava durante um *barbarem* – “quando bradam os gentios por os seus, para acudirem e se amotinarem”. Como consequência, esse padre foi agredido com pedras e instrumentos cortantes.¹¹⁰

Na percepção dos jesuítas, o que mais lhes surpreendeu nesta situação foi o apoio de portugueses aos “bandarins agressores”. Com efeito, o senhor do *Baradastal* (como “chamam a renda das palmeiras pagas”, de que se paga o foro ao rei) escreveu colérico ao vice-rei contra a Companhia de Jesus, queixando-se de que os jesuítas molestavam os rendeiros, o que suscitava o risco de eles não pagarem os foros devidos ao rei.¹¹¹ Essa caso denota que as medidas adotadas pelos jesuítas encontraram resistência entre bandarins e portugueses, de maneira que as iniciativas de missão e povoamento conduzidas pelos padres feriam os interesses de outros grupos sociais da região.

Há também outro aspecto da atuação dos jesuítas que merece ser discutido, em contraponto com a imagem que os inacianos construíram nas suas cartas sobre suas ações. Em primeiro lugar, os jesuítas narraram a criação do povoado da Trindade como se tratasse de uma experiência que inaugurasse uma nova ordem social no final dos anos 1550, trazendo convertidos de várias aldeias para terras despovoadas e fornecendo lavradores e artesãos para o povoado da Trindade. No entanto, consideramos que parte das medidas adotadas pelos jesuítas na administração das terras na

¹¹⁰ ARSI, Goa 34, fl. 223-224.

¹¹¹ ARSI, Goa 34, fl. 223-224. Ano 1652.

aldeia da Trindade funcionaram não porque eram novas, mas porque já eram medidas adotadas pelas aldeias da Índia, quando precisavam resolver a dificuldade de atrair artesãos e trabalhadores agrícolas – em caso de terras despovoadas ou distantes. Conforme Hiroshi Fukazawa, as aldeias indianas tradicionalmente atraíam artesãos e cultivadores oferecendo grãos e pequenas parcelas de terra.¹¹² Similarmente, os jesuítas também passaram a oferecer terras, arroz e utensílios agrícolas para atraí-los; em troca, os lavradores e artesãos realizavam diversos serviços para a aldeia.

Apesar de adotarem práticas semelhantes às de outras comunidades da Índia para atrair trabalhadores, os jesuítas promoveram algumas mudanças nas relações entre trabalhadores e as aldeias. Na década de 1570, jesuítas como o padre Francisco Rodrigues¹¹³ demonstravam conhecimento dos antigos costumes locais e das mudanças introduzidos por portugueses e missionários na região.¹¹⁴ Rodrigues reconheceu que, antes da chegada dos portugueses em Baçaim e Damão, os costumes permitiam que lavradores se deslocassem entre diferentes terras¹¹⁵ – prática que os próprios jesuítas estimularam ao transferir populações para Taná e Trindade.

¹¹² FUKAZAWA, Hiroshi, Rural Servants in the 18th century Maharashtra Village - demiurgic or jajmani system?. *Hitotsubashi Journal of Economics*. Kunitachi, Tokyo, v. 12, n. 2, p. 1440, 1972. Agradeço a Ângela Barreto Xavier a referência aos sistemas *jajmani* e *baluta*.

¹¹³ Sobre Francisco Rodrigues é essencial consultar: EHALT, Rômulo da Silva. Casuística nos Trópicos: a pragmática teológico-moral de Francisco Rodrigues na Ásia portuguesa (séculos XVI e XVII). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, v. 19, p. 399–418, 2019.

¹¹⁴ Francisco Rodrigues escreveu para orientar os padres confessores, em busca de um bom governo das consciências. O manuscrito encontra-se em: ANTT, Manuscritos da Livraria, 805, fl. 173-185, "Resoluções que sobre as aldeias e terras de Baçaim se tomarão pêra os confessores saberem como se hão de haver com os penitentes que as tiverem".

¹¹⁵ WICKI, Joseph. Os percalços das aldeias e terras de Baçaim vistos e julgados pelo P. Francisco Rodrigues S.J. (por 1570). *Boletim do Instituto Vasco da Gama*. Nova Goa, v. 76, p. 37–75, 1959.

No entanto, Rodrigues criticou os senhores que obrigavam curumbins, bandarins e outros trabalhadores a permanecer em suas aldeias de origem, comparando essa retenção ao cativeiro (à escravidão). Considerou que essa prática, introduzida durante o governo dos portugueses, era prejudicial à evangelização, pois senhores muçulmanos e hindus impediam os seus trabalhadores de partir de suas terras, obstruindo a possibilidade de serem convertidos. Embora alguns temessem que sem essa retenção as aldeias se tornassem despovoadas, Rodrigues acreditava que a melhor maneira de atrair e manter os curumbins era lhes dar liberdade, terras e boas condições – ideal que já havia sido defendido e adotado pelo padre Gonçalo Rodrigues na década de 1550.

Apesar das críticas a essas práticas, tais inovações no regime de trabalho foram introduzidas até em terras administradas pelos jesuítas na Província do Norte. Documentos demonstram a existência de trabalhadores agrícolas classificados como “abunhados”, isto é, retidos à força nas aldeias, obrigados a trabalhar nelas e devolvidos caso fugissem. Esse termo esteve presente em outros relatos redigidos pelos jesuítas no século XVII, nos quais foi definido como lavradores ou agricultores “obrigados à cultura das terras dos senhorios, e são propriamente os que no direito comum se chamam, *servi originarii, et ascriptii*”, chamados “também vulgarmente **abunhados**” na Província do Norte.¹¹⁶ Outros manuscritos seiscentistas também destacaram a condição de preso à aldeia vivenciada pelo “abunhado”, destacando que esse vocábulo era usado para se referir aos “moradores obrigados às aldeias, em que declara a sua grande escravidão, pois não sendo escravos para poderem ser vendidos, o são para não poderem mudar de maus

¹¹⁶ ARSI, Goa 9-II, fl. 423. Grifo nosso.

amos, ou de maus climas, perpetuamente, com tal rigor, que se fugirem para outras aldeias, por justiça, os repõe logo nas suas.”¹¹⁷

Com o passar das décadas, a presença de curumbins “abunhados” em terras administradas pelos jesuítas (ou por outros agentes portugueses) tornou-se uma realidade consolidada a ponto de as contribuições – em espécie ou em dinheiro– exigidas a tais trabalhadores passarem a figurar em listas de registro de receitas fundiárias. Um exemplo disto é uma lista datada de 1635 referente a terras administradas pelos jesuítas em Baçaim, Taná e outras regiões da Província do Norte, onde se lê: “os **curumbins abunhados**, que são vinte e cinco, paga cada um deles 25 pardaus por ano. [...] Os curumbins que semeiam as cebolas pagam trinta candis delas cada ano”.¹¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a administração de terras pelos jesuítas na Província do Norte, com especial atenção ao caso da aldeia da Santíssima Trindade. A partir da segunda metade da década de 1550, os inacianos passaram a organizar experiências pioneiras de aldeamentos, como a Trindade, por meio da aquisição de terras e da adoção de estratégias para atrair e manter populações convertidas no povoado. A análise revelou a estreita relação entre governo da terra, disciplinamento social e cristianização das populações nativas da região. Em busca de contornar o desafio liga-

¹¹⁷ Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 846, Viagens pela Índia. Esse manuscrito foi redigido por um franciscano, sobre o qual escreveram: XAVIER, Ângela Barreto; ZUPANOV, Inês. *Catholic Orientalism: Portuguese Empire, Indian Knowledge*. New Delhi: Oxford University Press, 2015, p. 190–192.

¹¹⁸ ANTT, GEI, Livro das Monções, liv. 35, fl. 359-359v. “Lista das pacarias e aldeias que possuem os Padres da Companhia de Jesus na cidade de Baçaim, e em Taná, e Bendorá e do Procurador de Japão, e na cidade e fortaleza de Damão”. Grifo nosso.

do ao despovoamento e ao impacto da mortalidade decorrentes de doenças e guerras, os jesuítas recorreram à atração de populações de Baçaim, Taná e de seus arredores para habitar e trabalhar nas terras sob a sua administração.

A análise das cartas e demais relatos edificantes produzidos pelos jesuítas nos levou a considerar que, apesar de os jesuítas terem apresentado as suas ações como fundadoras de uma nova ordem social e espiritual, algumas das práticas adotadas – como a concessão de terras, instrumentos agrícolas a lavradores e artesãos para atrai-los– guardavam paralelos com formas de organização tradicionais das aldeias indianas, tal como podemos atestar com base na historiografia apresentada. Também adotaram a prática de ampliar a presença de trabalhadores em ciclos específicos da agricultura, como as comunidades locais faziam na Índia. Assim, o que se verificou foi que os jesuítas não apenas se adaptaram a esses costumes, como também tentaram os reconfigurar em consonância com os seus propósitos missionários e com a realidade social que encontravam na região, de modo que promoveram algumas alterações nos vínculos entre trabalhadores e aldeias, com a progressiva imposição de obrigações e formas de sujeição pessoal, como o regime dos curumbins “abunhados”.

Enquanto as interpretações historiográficas haviam apontado as semelhanças entre a experiência jesuíta no povoado da Trindade e os aldeamentos na América, este capítulo buscou focar na análise do caso da aldeia da Santíssima Trindade, aproximando o olhar para as ações jesuíticas adotadas em busca da reprodução (e aumento) de sua população e da gestão dos recursos para a manutenção do povoado. Além da observação do caso com enfoque na dinâmica local do povoado da Trindade, este estudo pretendeu demonstrar que, apesar de ter sido idealizado como uma comunidade “separada” de outras populações, a construção desse povoado

cristão dependeu da constante interação com os territórios e as populações da região. Com efeito, o povoado da Trindade dependeu da atração de pessoas que habitavam outros territórios (Baçaim, Taná e aldeias adjacentes) e da movimentação – entre diferentes casas e colégios jesuíticos – dos meninos e meninas que correspondiam ao perfil esperado pelos jesuítas para trabalhar, casar e viver na aldeia da Trindade.

Este capítulo buscou ser uma contribuição à historiografia das missões jesuítas na Índia ao deslocar o foco dos grandes colégios urbanos para espaços menos explorados, como a Trindade, evidenciando as adaptações e tensões que marcaram a presença jesuítica em terras no “sertão” da Índia.